

Português
English

SERRAVES
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

PROJETOS CONTEMPORÂNEOS CONTEMPORARY PROJECTS

MARIANA CALÓ E AND FRANCISCO QUEIMADELA

O LIVRO DA SEDE
THE BOOK OF THIRST

12 MAR – 29 MAI MAY 2016

VISITAS GUIADAS GUIDED TOURS

Por By Ricardo Nicolau

Curador da exposição Curator of the exhibition

16 ABR APR (Sáb Sat), 17h00

Por By Inês Caetano

Serviço Educativo do Museu Museum Educator

15 MAI MAY (Dom Sun), 12h00

PROJETOS CONTEMPORÂNEOS **CONTEMPORARY PROJECTS**

Projetos Contemporâneos é um novo eixo de programação do Museu de Serralves que combina uma variedade de meios e diversidade de formas de apresentação, desde exposições de uma única obra no Museu a projetos com vários momentos apresentados em diferentes períodos de tempo. É concebido como uma plataforma dinâmica e reativa para a apresentação da obra de alguns dos mais relevantes artistas contemporâneos ativos hoje em Portugal e no resto do mundo.

Contemporary Project is a new axis in the programming of the Museum combining a wide range of media and diversity of presentation forms, from exhibitions featuring a single work at the Museum to projects unfolding over several moments and across different periods of time. This will be a dynamic, reactive platform for the exhibiting of works by some of the most relevant contemporary artists active today in Portugal and around the world.

SOBRE OS ARTISTAS **ABOUT THE ARTISTS**

Mariana Caló e Francisco Queimadela estudaram pintura na Escola de Belas-Artes do Porto. Exposições recentes incluem "The Importance of Being a (Moving) Image" (Galeria Nacional, Praga, 2015); "Entrevista Perpétua" (Edifício Axa, Porto, 2013), "Chart for the Coming Times" (Villa Romana, Florença, 2013), "Chart for the Coming Times" (Rowing Projects, Londres, 2012), "The Springs of the Flood" (Matador Projekt Raum, Berlim, 2011) e "Gradations of Time over a Plane II & III" (General Public, Berlim & Casa das Artes, Fundação Bissaya Barreto, Coimbra, 2011). Caló e Queimadela foram os vencedores da edição de 2013 do prémio internacional Lo Schermo dell'arte, em Itália, e do prémio BES Revelação em 2012.

Mariana Caló and Francisco Queimadela studied Painting at the School of Fine Arts in Porto. Recent shows include 'The Importance of Being a (Moving) Image' (National Gallery, Prague, 2015); 'Entrevista Perpétua' (Axa Building, Porto, 2013), 'Chart for the Coming Times' (Villa Romana, Florence, 2013), 'Chart for the Coming Times' (Rowing Projects, London, 2012), 'The Springs of the Flood' (Matador Projekt Raum, Berlin, 2011) and 'Gradations of Time Over a Plane II & III' (General Public, Berlin & Casa das Artes, Fundação Bissaya Barreto, Coimbra, 2011). Caló and Queimadela were winners of the 2013 edition of the International Lo Schermo dell'arte Prize in Italy and of the BES Revelação Award in 2012.

MARIANA CALÓ E FRANCISCO QUEIMADELA
O LIVRO DA SEDE

A prática artística de Mariana Caló (1984, Viana do Castelo) e Francisco Queimadela (1985, Coimbra) abrange vídeo, filme de 8 e 16 mm, diaporamas, desenho e pintura, geralmente na forma de instalações que criam ambientes visuais rigorosamente organizados.

“O Livro da Sede” constitui-se como uma experiência imersiva composta por cinco filmes de 16 mm em *loop* e uma impressão numa caixa de luz, que permite ao espectador editar as imagens e construir o seu próprio filme. O recurso a filmes analógicos, aliado ao facto de parte destes serem construídos a partir de fotografias, reforça o tema principal do trabalho desta dupla de artistas: a percepção, manifestações e interpretações da passagem do tempo. Uma das formas de dar protagonismo ao tempo, e de transmitir ao espectador a sua cadência passa justamente pela utilização do filme analógico, que Caló e Queimadela assumem como um verdadeiro meio artístico e não como mera tecnologia. Interessa-lhes a fisicalidade, a vibração e a profundidade de cor que o meio permite.

“O Livro da Sede”, além de dar a ver os filmes, assume os respetivos projetores enquanto presenças na sala. Os projetores são, além disso, a única fonte sonora da exposição e o ritmo regular do seu funcionamento obriga o espectador a internalizar a passagem do tempo.

Parte destes filmes cruza muito habilmente a fotografia e o cinema, o estatismo e o movimento. Apresentam imagens imóveis, ou fotografias cujos detalhes são revelados através de subtis movimentos de câmara. Podemos dizer que ao converter fotografias em filme, os artistas estão a dar-lhes uma nova temporalidade, a resgatá-las do “isto foi” para a permanente atualização do filme (“isto é”). Podemos procurar na história do cinema exemplos famosos da irrupção da fotografia no cinema, como *Blow Up* (1966), de Michelangelo Antonioni ou *Les Carabiniers* (1963), de Jean-Luc Godard, mas a tensão entre dois regimes de imagem, estabelecendo

novos limites para a fotografia e o filme, é em *O Livro da Sede*, fundamento e estrutura. No fundo, estes curtos filmes recordam, na sua quase imobilidade e mutismo, que o cinema é a arte do falso movimento, induzido pelo regular intervalo entre fotogramas; também enfatizam o papel crucial da montagem na impressão de ação – a montagem, a duração particular de cada uma das imagens, assumem um destaque particular na ativação do movimento de cada um dos filmes que compõem *O Livro da Sede*. Outro movimento que é ativado é o do próprio espectador, que para ter acesso a todas as projeções tem de se deslocar na sala: os filmes são projetados em ecrãs dispostos no espaço de forma a fazer conviver imagens, a que o visitante tenha acesso visual a mais do que um filme em simultâneo, retirando ao espectador o tradicional papel passivo e transformando-o num autêntico editor.

Um exemplo paradigmático desta preocupação com a ativação da curiosidade do visitante é a opção dos artistas por colocarem no início da sala um biombo constituído por três telas onde são projetadas imagens de uma garrafa de plástico e de peixes a secar em redes ao sol. Esta forma de conservar o pescado é um processo tradicional ainda usado na praia da Nazaré, no litoral centro de Portugal – onde os artistas fotografaram estas redes – e consiste em, depois de amanhado e salgado, estender o peixe em paneiros, tabuleiros retangulares de rede e vigas de madeira, onde permanece cerca de dois a três dias. Este biombo, além de dividir o espaço, é suficientemente alto para que o espectador não tenha acesso visual imediato às restantes projeções, mas convida à sua deslocação no espaço que permite entrever imediatamente os outros filmes e a caixa de luz. Do ponto de vista iconográfico, as imagens projetadas relacionam-se diretamente com a sede, mas para os artistas é igualmente importante o facto de as imagens das redes com fundo de céu azul imprimirem uma ilusão de transparência ao opaco biombo (que aguça ainda mais a curiosidade para saber

o que estará do outro lado) e de este, no seu formato desdobrável, evocar um livro que se abre.

Destacam-se, entre as restantes fotografias que integram os filmes, imagens de pessoas a saciar a sede, animais enjaulados e foliões mascarados numa festividade popular de características pagãs (apesar de assinalar o dia de São Bartolomeu) que funciona em agosto como um extemporâneo Carnaval. A presença de máscaras no momento excepcional que é o Carnaval permite aos seus utilizadores perder a individualidade, experimentar a unidade social. É um tempo de excesso, de consumo excessivo de álcool, em que são revertidas todas as regras e normas do quotidiano. O uso de máscaras serve uma premeditada confusão entre sexos, e entre características humanas e animais.

As imagens de animais enjaulados foram captadas num zoológico do norte de Portugal. O aparecimento dos zoológicos públicos coincide com o desaparecimento dos animais da vida quotidiana. São um monumento à impossibilidade do encontro com os animais, um epitáfio de uma relação tão antiga quanto o homem. Os animais captados pela dupla Caló e Queimadela recordam que o Homem se reconhece a si mesmo devolvendo o olhar dos animais, que aliás sempre foram utilizados para mapear e explicar o mundo – basta pensarmos no zodíaco. O facto de aqui surgirem intercalados com imagens de pessoas em momentos que promovem a indistinção entre homem e besta, e com imagens que mostram o mitigar da sede, revela a vontade, por parte dos artistas, de apresentar êxtases carnavalescos, bestialidade e sede como manifestações de instintos vitais e de liberdade. Além dos filmes que recorrem a fotografias, Caló e Queimadela também integram em *O Livro da Sede* o filme que mais diretamente se parece relacionar com este título: trata-se da captação de alguém que folheia um livro com desenhos de figuras que evocam diabretes, faunos e sátiros. Os primeiros, segundo crenças populares, seriam uma espécie de duendes que, durante o Carnaval, assustavam pessoas e animais e revolviam as

culturas nas terras. Os faunos e sátiros são figuras mitológicas que misturam características humanas e animais. Viviam nos bosques e simbolizam a embriaguez e a exaltação dos sentidos, pelo que recordam os excessos do Carnaval e a indefinição entre homens e bichos que caracteriza este período. As suas silhuetas desenhadas a preto sobre o fundo branco do papel recordam um alfabeto, ou ideogramas, ou, como assinalam os próprios artistas, experiências visuais, entre a escrita e a pintura, do poeta belga Henri Michaux (1899-1984), conhecido pelo recurso a substâncias químicas, nomeadamente mescalina, que alteravam o seu estado de consciência durante o processo de escrita. A “leitura” deste livro é acompanhada no filme pela ingestão de líquidos – um copo aparece e desaparece do enquadramento –, enfatizando a relação entre sede e instintos bestiais e libertários. Segundo os artistas, “este é um livro que cria sede e curiosidade”.

Texto: Ricardo Nicolau

A exposição “O Livro da Sede” é organizada pelo Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto, e comissariada por Ricardo Nicolau, curador do Museu, assistido por Filipa Loureiro.

Registrar: Daniela Oliveira

Equipa de montagem: João Brites, Carlos Sá

Filme: Ana Amorim

Serviço Educativo: Denise Pollini (Coordenadora), Diana Cruz, Cristina Lapa

MARIANA CALÓ AND FRANCISCO QUEIMADELA
THE BOOK OF THIRST

The artistic practise of Mariana Caló (1984, Viana do Castelo, Portugal) and Francisco Queimadela (1985, Coimbra, Portugal) encompasses video, Super 8 and 16 mm film, slides, paintings and drawings, generally presented as organized visual environments. 'The Book of Thirst' is an immersive experience, consisting of five 16 mm films projected in a loop and a photograph in a light box, in which spectators have to edit the images and build their own film. The use of analogue films, together with the fact that they are constructed from photographs, reinforces the main theme of this work: perception of the passage of time, its manifestations and interpretations. This is achieved precisely through the use of analogue film, which Caló and Queimadela consider a true artistic medium and not just as mere technology. The artists are interested in its physicality, in its vibration and in the depth of colour it allows. In addition to screening films, the installation also assumes the respective projectors as visible presences in the room. Moreover, the projectors are the only source of sound in the exhibition and the regular rhythm of the operation of the projectors allows the spectator to perceive the passage of time.

Some of the films blend photography and cinema, stillness and movement. They present still images or photographs whose details are revealed through subtle camera movements. By converting photographs into film, the artists are endowing them with a new temporality, rescuing them from 'this was' to the film's continuous present ('this is'). There are famous examples of the use of photography in the history of cinema, such as *Blow Up* (1966) by Michelangelo Antonioni or *Les Carabiniers* (1963) by Jean-Luc Godard, but the tension between the two image systems, setting new limits for photography and film, serves as both a foundation and structure in *The*

Book of Thirst. Basically, these short films recall, in their quasi stillness and silence, that cinema is an art of false movement, induced by the regular interval between frames. They also emphasize the crucial role played by montage to create the impression of action: the specific duration of each of the images assumes a particular role in the movement of each of the films included in *The Book of Thirst*. Another movement that is activated is that of the spectator, who has to move around the room in order to see all projections. The films are projected onto screens positioned around the space in order to establish an interaction between the images, whereby the spectator has visual access to more than one film at the same time, thus stripping the spectator of his/hers traditional passive role and transforming him/her into a true editor.

An example of this concern with stimulation of the spectator's curiosity is the artists' decision to place a screen at the entrance to the room. The screen consists of three panels onto which images of a plastic bottle and fish in nets drying in the sun are projected. This way of preserving fresh fish is a traditional process that is still used on the beach at Nazaré, in central Portugal, where the artists photographed these nets. After being sorted and salted, the fish is extended onto panniers, formed by rectangular pieces of net and wooden beams, where it remains for about two to three days. From an iconographic point of view, the projected images are directly related to thirst. But it is equally important for the artists that the images of the nets against a blue-sky background create an illusion of transparency for the opaque screen (which further sharpens our curiosity to know what will be on the other side). Given its foldout format the screen evokes a book that opens out.

Other photos included in the films include images of people quenching their thirst, caged animals and masked revellers at a popular festivity, with pagan characteristics

(although it marks the day of São Bartolomeu) that is held in August, in the form of an extemporaneous Carnival. The presence of masks in the exceptional moment of the Carnival enables their users to lose their individuality and experience the social unit. It is a time of excess and of extreme alcohol consumption, in which all rules and norms of everyday life are overturned. The use of masks fosters a deliberate confusion between the sexes and between human and animal characteristics. The images of caged animals were taken in a zoo in Northern Portugal. The appearance of public zoos coincides with the disappearance of animals from everyday life. They constitute a monument to the impossibility of encountering animals, the epitaph to a relationship that is as old as mankind itself. The animals photographed by Caló and Queimadela remind us that man recognizes himself even when returning the gaze of the animals, which incidentally have always been used to map out and explain the world – just think of the zodiac. The fact that they appear here interspersed with images of people in moments that blur the distinction between man and beast, and with images showing the quenching of thirst, reveals the artists' willingness to present carnival ecstasies, bestiality and thirst as manifestations of vital instincts and freedom.

In addition to the films comprised of photographs, *The Book of Thirst* also includes a film that seems to be most directly related to its title: the recording of someone flipping through a book, featuring drawings of figures that evoke goblins, fauns and satyrs. Goblins, according to popular belief, are a kind of elf which, at Carnival time, scare people and animals and churn the crops on the land. Fauns and satyrs are mythological figures that combine human and animal characteristics. Their silhouettes, drawn in black against a white paper background are reminiscent of an alphabet, or ideograms, or, as stated by the artists themselves, the visual experiences, halfway between writing and

painting, created by the Belgian poet Henri Michaux (1899–1984), known for his use of chemical substances, including mescaline that altered his state of consciousness during the writing process. The 'reading' of this book is accompanied during the film by the ingestion of fluids – a glass appears and disappears from the frame – emphasizing the relationship between thirst and bestial and libertarian instincts. According to the artists, 'this is a book that creates thirst and curiosity'.

Text: Ricardo Nicolau

'The Book of Thirst' is organized by the Serralves Museum of Contemporary Art, Porto, and is curated by Ricardo Nicolau, curator of the Museum, assisted by Filipa Loureiro.

Registrar: Daniela Oliveira

Installation team: João Brites, Carlos Sá

Film: Ana Amorim

Education Department: Denise Pollini (Head of Education), Diana Cruz, Cristina Lapa

VISITAS ORIENTADAS ÀS EXPOSIÇÕES GUIDED TOURS TO THE EXHIBITION

Realizar uma visita orientada permite aprofundar o conhecimento e a vivência das exposições a partir de percursos desenvolvidos pelos educadores do Serviço Educativo.

Acesso: mediante aquisição de bilhete de ingresso Museu+Parque.

The guided tour provides a unique framework and context, allowing visitors to become more familiar with contemporary artistic production.

Access: by purchasing admission ticket to the Museum+Park.

PT Sáb Sat: 17h00-18h00
Dom Sun: 12h00-13h00

ENG Sáb Sat: 16h00-17h00

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS (COM MARCAÇÃO WITH BOOKING)

As atividades estão sujeitas a marcação prévia junto do Serviço Educativo, das 10h-13h/14h30-17h (exceto fim de semana).

A marcação deve ser efetuada com pelo menos 15 dias de antecedência.

Marcações online em www.serralves.pt
The activities are subject to prior booking with the Educational Service, from 10:00-13:00/14:30-17:00 (except at the weekend). Bookings should be made with at least 15 days prior notice.

Prior booking sheets are available online at www.serralves.pt

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt
Tel. (general): 22 615 65 00
Tel: 22 615 65 46
Fax: 22 615 65 33

www.serralves.pt

[f /fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

[t /serralves_twit](https://twitter.com/serralves_twit)

[ig /fundacao_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

[yt /serralves](https://www.youtube.com/channel/UC...)

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

loja.online@serralves.pt

www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

Ter Tue-Dom Sun-Fer Holidays: 10h00-19h00

Seg Mon - Encerrado Close

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo cidadão ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

Ter Tue - Sex Fri: 12h00-18h00

Sáb Sat-Dom Sun-Fer Holiday: 10h00-18h30

Seg Mon: Encerrado Closed

BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após à visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated to one of the most beautiful views over the Park.

Seg Mon- Sex Fri: 12h00-19h00

Sáb Sat-Dom Sun-Fer Holidays: 10h00-19h00

restaurante.serralves@ibersol.pt

Fundação de Serralves
Rua D. João de Castro, 210,
4150-417 Porto - Portugal

serralves@serralves.pt

General line:
(+ 351) 808 200 543
(+ 351) 226 156 500

Apoio institucional
Institutional support



Mecenas Exclusivo do Museu
Exclusive Sponsor of the
Museum

